

**ENSINO DE
LÍNGUAS E
VIOLÊNCIA**

Conselho Editorial

Viviane Bengezen – UFCAT, Goiás, Brasil

Dilma Mello – UFU, Minas Gerais, Brasil

Divanize Carbonieri – UFMT, Mato Grosso, Brasil

Grenissa Stafuzza – UFCAT, Goiás, Brasil

Ivan Marcos Ribeiro – UFU, Minas Gerais, Brasil

Leonardo Francisco Soares – UFU

Luciana Borges – UFCAT, Goiás, Brasil

Mariano Dubin – UNLP, Buenos Aires, Argentina

Mariana Mastrella-de-Andrade – UnB, Brasília, Brasil

Shaun Murphy – USASK, Saskatchewan, Canada

Tania Ramos – UFSC, Santa Catarina, Brasil

Viviane Cabral Bengezen
Valdir Heitor Barzotto
Mayara Mayumi Sataka
(organizadores)

ENSINO DE
LÍNGUAS E
VIOLÊNCIA

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ensino de línguas e violência [livro eletrônico] / organização
Viviane Cabral Bengezen, Valdir Heitor Barzotto, Mayara
Mayumi Sataka. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023. –
(Série Linguagem, Cultura e Identidade)

ePub -

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-716-9

1. Línguas – Estudo e ensino 2. Línguas indígenas – Morfologia
3. Línguas e linguagem 4. Violência – Antropologia
I. Bengezen, Viviane Cabral. II. Barzotto, Valdir Heitor.
III. Sataka, Mayara Mayumi. IV. Série.

23-159123

CDD-407

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas e linguagem : Estudo e ensino 407

gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

capa: StudioRotta Design Gráfico

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: dos autores

bibliotecária: Tábata Alves da Silva – CRB-8/9253

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

FORMATO DIGITAL

BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução ou armazenamento
parcial ou total ou transmissão de qualquer
meio eletrônico ou qualquer meio existente
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

SUGERINDO O DELINEAMENTO DE
UM OBJETO DE PESQUISA: A RELAÇÃO ENTRE
ENSINO DE LÍNGUAS E VIOLÊNCIA. 13
Viviane Cabral Bengezen, Valdir Heitor Barzotto

LA VIOLENCIA Y LA LETRA: ESCRITURA
ALFABÉTICA DEL RUNASIMI CUSQUEÑO
Y RETOS PARA LA REVITALIZACIÓN 35
Roxana Quispe-Collantes

LÍNGUAS E EDUCAÇÃO: PRECONCEITOS
E VIOLÊNCIA SOBRE AS LÍNGUAS E
CULTURAS INDÍGENAS 49
Mariano Dubin

INTERNACIONALIZAÇÃO 'EM CASA' E
BOTTOM-UP NA EDUCAÇÃO SUPERIOR:
PRÁTICAS LOCAIS PARA TODAS E TODOS 61
Valeska Virgínia Soares Souza

CAMPESINOS ILUSTRADOS: UNA ALTERNATIVA A LA ÉTICA DE LA VIOLENCIA EN LA ENSEÑANZA DE LENGUAS.	89
<i>Daniel Rudas-Burgos, Andrey Castiblanco</i>	
ENSINO DE LÍNGUA E LIBERTAÇÃO DA VIOLÊNCIA IDEOLÓGICA COMO UM PROJETO DE NAÇÃO UNIFICADA	109
<i>Giovanni Martins</i>	
ENSINO E APRENDIZAGEM DE INGLÊS, IDENTIDADE(S) DE UMA DOCENTE NEGRA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	125
<i>Irene Izilda da Silva</i>	
OBJETO DE CIÊNCIA E ESTIGMA: AS LÍNGUAS AFRICANAS EM “OS AFRICANOS NO BRASIL”, DE RAIMUNDO NINA RODRIGUES	153
<i>Kauê Uematsu de Oliveira</i>	
INUMERÁVEIS: A RESISTÊNCIA DO AFETO/DA MEMÓRIA EM MEIO A UM ESTADO NECROPOLÍTICO DE APAGAMENTO DOS MORTOS	167
<i>Antônio Fernandes Júnior, Raquel Costa Guimarães Nascimento</i>	
SOBRE OS AUTORES.	191

A PRESENTAÇÃO

O Ciclo de Colóquios Ensino de Línguas e Violência surgiu a partir de uma palestra que o Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto (USP) proferiu na Universidade Federal de Catalão (UFCAT) em 2019, como convidado. A forma de abordar o tema chamou a atenção da audiência daquela universidade do interior de Goiás que estava no início do processo de transição de UFG para UFCAT, tornando-se independente da sede em Goiânia. Entre as pessoas presentes, estava a Profa. Dra. Viviane Bengezen (UFCAT), que, meses depois, fez o convite ao professor para uma parceria, cujo objetivo seria aprofundar o debate sobre a relação entre linguagem e violência/morte e a necessidade de se delinear um objeto de pesquisa para os Estudos da Linguagem.

No final de 2020, tínhamos organizado o ciclo de colóquios, que começou em 2021. Buscando alcançar nosso objetivo, fomos, semana a semana, nos engajando com um grupo que compartilhava os mesmos interesses de pesquisa, seguindo duas perspectivas: 1) experiências em torno da construção da violência por meio da linguagem; 2) experiências vividas quando a linguagem é alvo de violência. Os debates que realizamos no Ciclo de Colóquios e que compõem esta coletânea se concentraram em cinco idiomas: quechua, guarani, espanhol, português e inglês, ligados a experiências vividas

no Peru, na Argentina, na Colômbia e no Brasil. Há um fato relevante subjacente a todas essas experiências: a língua oficial desses países (ou a língua estrangeira obrigatória nas escolas) é a língua dos colonizadores, com todas as línguas nativas dos povos originários relegadas às margens.

Nossos encontros aconteciam como um conjunto de oficinas, que eram o destino das ideias ainda em fase de delineamento. Os encontros eram um convite ao trabalho colaborativo com uma dimensão de não saber, de quem ainda está buscando um caminho para delinear o que seria essa relação entre ensino de línguas e violência. Agora, com um trabalho mais amadurecido, apresentamos esta coletânea como resultado dos debates, das pesquisas em torno do tema, das análises e do estreitamento dos laços acadêmicos interinstitucionais e internacionais. O primeiro capítulo, escrito por Viviane Bengezen e Valdir Barzotto, abre a coletânea como um convite ao delineamento deste objeto: a relação entre ensino de línguas e violência.

No segundo capítulo, a autora Roxana Quispe Collantes ensaia uma exploração da relação entre violência, línguas nativas e escrita alfabética, enfocando o quíchua do sul do Peru que, como todos os países do continente das Américas, é impactado pela devastação da colonização. A autora inicia sua tessitura de argumentos com a violenta expressão “a letra com sangue entra”, utilizada pela igreja e pela escola para impor o ensino da escrita alfabética espanhola aos povos originários e reflete acerca da urgência de se revitalizar as línguas originais por meio da escrita alfabética, direcionando tal papel especialmente às mulheres.

Mariano Dubin escreve o terceiro capítulo voltado à língua guarani a partir de suas pesquisas, como professor da escola básica e da universidade na Argentina, Universidad Nacional de La Plata (UNLP). O autor problematiza o modo como as políticas educacionais institucionais na província de

Buenos Aires lidam com as línguas. Sua discussão revela que predominam concepções eurocêntricas sobre os povos, línguas e culturas indígenas, em uma negação de suas existências.

Em seguida, temos o capítulo escrito pela professora e pesquisadora Valeska Virgínia Soares Souza, que discute a Internacionalização seguindo uma perspectiva que valoriza as “práticas locais para todas e todos”. A autora discute suas concepções sobre Internacionalização da Educação Superior e articula com as ações promovidas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como o Programa de formação para a Internacionalização (ProInt) e o Projeto Adolescentes Políglotas. Com este capítulo, é possível refletir sobre a prática de “internacionalização em casa” como possibilidade de quebra de ciclos de violência por meio da língua.

O quinto capítulo da nossa coletânea é escrito pelos professores colombianos Daniel Rudas-Burgos e Andrey Castiblanco, que propõem uma alternativa à ética da violência no ensino de línguas, partindo de casos envolvendo camponeses da região rural do páramo, na Colômbia e, assim como Roxana Quispe Collantes fez no capítulo dois, expõem o uso da expressão “A letra com sangue entra”, usada pela igreja e pela escola na alfabetização. Os autores, baseados em uma noção glotopolítica, observam que tal ética violenta baseia-se em ideologias prescritivistas e coloniais e é exercida por diferentes atores, nos níveis linguístico, simbólico, institucional e político.

No sexto capítulo, Giovanni Martins discute o projeto educacional nacional da Colômbia a partir de documentos oficiais e a violência no país. Os dados da UNICEF apresentam, por exemplo, que a Colômbia está na 4ª posição de países com maior índice de homicídios calculado em proporção por 100 mil em relação ao total da população. O autor debate que o planejamento linguístico de oficialização do espanhol como língua nacional, com o intuito de unificação nacional, e o ensino

de língua estão articulados aos processos de violência na sociedade colombiana.

O capítulo seguinte, o sétimo de nossa coletânea, é escrito por Irene Izilda da Silva e tem como foco de discussão os processos de ensino e aprendizagem de inglês e a educação antirracista. A autora parte de sua própria prática docente na escola pública regular como professora negra como inquietação e problematização dessa temática de debate. Por meio do percurso teórico-metodológico da pesquisa narrativa (Clandinin e Connelly 2000), Irene discute a sua construção de identidade no ensino de inglês na escola pública na perspectiva antirracista.

Kauê Uematsu de Oliveira é o autor do oitavo capítulo e discute um recorte da obra do médico Raimundo Nina Rodrigues, isto é, o capítulo V de “Os Africanos no Brasil”, de publicação póstuma de 1932 e produzido entre 1890 e 1905. Nesse capítulo, Kauê apresenta-nos as relações entre fazer ciência e as concepções histórico-sociais, que se fundamentam em hierarquias e exclusão sociais e, sobretudo, raciais. As concepções de língua remontam à uma construção ideal da sociedade brasileira, um projeto nacional, em que o negro tinha uma presença indesejada e desprezada.

O nono e último capítulo de nossa coletânea é de autoria de Antônio Fernandes Júnior e Raquel Costa Guimarães Nascimento. Os autores focalizam o projeto brasileiro *Inumeráveis*, que tem como objetivo contar e registrar histórias de pessoas que perderam suas vidas durante a pandemia da covid-19 no Brasil. A partir de discussões sobre poder, biopolítica e necropolítica, Antônio e Raquel analisam o poema *Inumeráveis*, de Bráulio Bessa e Chico César. Os autores debatem que as condições de produção desse texto são uma prática de resistência contra a necropolítica operada pelo Estado brasileiro durante a pandemia da covid-19.

Como abordamos anteriormente, essa coletânea contou com os esforços de pesquisadores e professores da área de ensino de línguas e formação de professores de línguas para discutir a relação entre ensino de língua e violência/morte. Apresentamos esses estudos a toda comunidade acadêmica para que esse objeto continue sendo tematizado e problematizado, mas agora não limitado ao nosso círculo do grupo de Ciclo de Colóquios Ensino de Línguas e Violência. Esperamos provocar reflexões e questionamentos para a ampliação de debates, diálogos e futuros trabalhos.

Desejamos boa leitura a todes/as/os!

Viviane Cabral Bengezen

Valdir Heitor Barzotto

Mayara Mayumi Sataka